

MÁSCARA, MÁSCARAS: Pandemia e Homossexualidade na Novilingua do Bolsonarismo

Francisco Carlos Teixeira Da Silva¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar de que maneira a novlingua bolsonarista aplica à covid-19 o mesmo molde de padronização que vinha aplicando à caracterização da homossexualidade e da pobreza. Normalizando a violência e naturalizando o desumano, a novlingua bolsonarista é utilizada no cotidiano de tortura e violência sofridas pelos “judeus” do bolsonarismo e na construção do perfil do líder da extrema-direita brasileira. Sendo assim, a partir da violência dispensada aos homossexuais – constituindo um paradigma - e estabelecendo um padrão, é construído o paradigma para a morte por covid-19 no Brasil.

Palavras-chave: Bolsonarismo. Covid-19. Homossexualidade. Novilingua. Pandemia.

MASK, MASKS: Pandemic and homosexuality in the Newspeak of Bolsonaroism.

Abstract: This paper aims to analyze how the Bolsonaroist newspeak applies to covid-19 the same pattern of standardization that it has applied to the characterization of homosexuality and poverty. By normalizing violence and naturalizing inhuman actions, the Bolsonaroist newspeak is used in the daily torture and violence suffered by the “Jews” of Bolsonaroism and building the profile of the Brazilian extreme right leader. Thus, from the violence directed to homosexuals - constituting a paradigm - and establishing a pattern, the paradigm for death from covid-19 in Brazil is constructed.

Keywords: Bolsonaroism. Covid-19. Homosexuality. Newspeak. Pandemic.

Texto recebido em 15/07/2020 e aprovado em 20/07/2020.

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

Devemos questionar criticamente a maneira como reproduzimos em nossa linguagem as formas de poder às quais nos opomos e também devemos nos esforçar para usar a linguagem de um modo novo que abra uma possibilidade de esperança para o mundo.

Judith Butler^{II}

Em plena explosão da pandemia de Covid-19 os funcionários e convidados do Palácio do Planalto eram assediados e constrangidos pelo Presidente da República por usarem máscaras de proteção sob o argumento que “máscara é coisa de veado”^{III}. A afirmação inscreve-se, com perfeição, em duas constantes da fala do Presidente: de um lado, a Negação, desde os primeiros casos de covid-19, da gravidade e amplitude da pandemia – tanto no mundo quanto no país – e, de outro, no preconceito e discriminação contra as minorias e orientações diferenciadas, em especial de gênero. A associação entre covid-19, e sua trajetória de mortes e luto no país, com homossexuais – tratados como “veados”, ecoa, outra declaração do Presidente, ainda em 2011, quando afirmou: “Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”^{IV}. A postura claramente exterminacionista, excludente e chula de Bolsonaro – e de sua família e seguidores – contra homossexuais explicitou-se em inúmeras falas e atos, muitas vezes contra o então deputado Jean Willys - seguidamente chamado de ‘menina’ e interrogado se “já havia queimado a rosca hoje?”^V - e, em geral, contra os Direitos Civis do povo LGBTQ+. O culto da morte expresso contra os LGBTQ+ explicitava-se ainda em construções onde sintagmas forjam sempre campos disfóricos:

“[sou...] vizinho de um casal homossexual [o que] é motivo de desvalorização de [um] imóvel”^{VI};

“se um casal homossexual vier morar do meu lado, isso vai desvalorizar a minha casa!”^{VII}

Os homossexuais desempenharam desde cedo um papel central na fala do bolsofascismo e na construção do perfil do líder da extrema-direita brasileira em sua luta contra o que identificavam como a “ditadura do politicamente correto”. Foi como um sinal de alerta. Em face da pequena comunidade judaica no Brasil – 0.2% da população brasileira, cerca 108 mil judeus brasileiros em 2010 apontava o IBGE – os homossexuais são os “judeus” do neofascismo brasileiro. E, ainda uma vez, como nos casos históricos do fascismo na Alemanha e da Itália, mereceram o opróbrio - ao lado de negros, pobres, Nordestinos e da oposição formada pelas Esquerdas, foram convertidos em inimigos que deveriam ser exterminados^{VIII}. Na verdade, são por vezes, a síntese do conjunto de tais condições de etnia, gênero, desigualdade social, educacional e, mesmo, política. Uma pesquisa recente, da Fiocruz, do Ministério da Saúde e da UFRGS, comprovam que o povo LGBTQ+, quando negro/pardo, são vítimas preferenciais da violência no Brasil. Entre 2015 e 2017 “...foram registradas 24.564 [notificações] de violências contra a população LGBTQ+, o que resulta em uma média de mais de 22 notificações de violências interpessoais e autoprovocadas por dia, ou seja, **quase uma notificação a cada hora**”^{IX}. A maior parte dos indivíduos alvo dessas agressões - prossegue a pesquisa - era constituída de jovens (69% tinham entre 20 e 59 anos de idade) e metade era de negros (50%). Do total, 46% das vítimas eram transexuais ou travestis e 57% eram de homossexuais, dos quais 32% lésbicas e 25% gays. De todos os grupos atingidos pela

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

barbárie do Holocausto, os homossexuais são os únicos que continuam a ser mortos impunemente, inclusive com apoio de partidos, movimentos e líderes políticos.

Para alguns grupos sociais no Brasil o genocídio não acabou.

Partilhando do traço comum com os fascismos históricos – e em face de um antissemitismo improvável – o bolsonarismo retoma arquétipos antigos do Integralismo brasileiro, em especial da Educação de meninos e meninas, do medo pânico da corrupção da infância e da “mocidade”, incluindo o uso dos banheiros nas modernas escolas planejadas, então, por Anísio Teixeira, visto como o grande corruptor de um idealizado, pacífico e harmônico Brasil antigo^X. A preocupação obsessante com a sexualidade, o controle das escolas e a censura aos professores permite com clareza incluir o bolsonarismo como uma variável do “Neo Integralismo”^{XI}.

Todo fascismo inventa “seu judeu”, o inimigo necessário, o Outro conveniente^{XII}, a alteridade que promove e mantém a mobilização da população, garante a radicalização acumulativa das massas e quando necessário – e será necessário –, aquele que explica os fracassos, tornando-se o “bouc émissaire” – o bode expiatório – que deve ser sacrificado em Holocausto^{XIII}.

Muito antes de sua eleição presidencial – talvez antes de sequer imaginar a possibilidade de ser presidente – Bolsonaro já se utilizava da “reversão” do conceito clássico dos Direitos Humanos, em especial da proteção de minorias, como os Homossexuais, para garantir sua votação no seu nicho de extrema-direita. Em 2014, em uma entrevista ao jornal *El País*, ele reafirmava sua plataforma de “Direitos (in)Humanos”: “...em primeiro lugar a pena de morte [...] ..depois a redução da idade penal e uma política de planejamento familiar, de reduzir o número de filhos dos mais pobres. Porque os mais pobres têm bolsas [benefícios] que os estimulam a terem mais filhos. Então, gente sem cultura acaba tendo mais filhos [....]...Uma terceira proposta seria uma luta para revogarmos o estatuto do desarmamento. Porque o governo desarmou as pessoas de bem, mas a bandidagem está cada vez mais armada. E o cidadão não tem como se defender”^{XIV}.

Em seguida, de forma clara, apontava para a necessidade de “desproteção” das minorias: “Só porque alguém gosta de dar o rabo dele passa a ser um semideus e não pode levar porrada...?”^{XV}

Não se tratava de um programa de redução da pobreza: no caso, o objetivo era a eliminação física dos pobres. Para Bolsonaro pobres e homossexuais eram problemas a serem eliminados fisicamente, se possível na “porrada”. Os programas de Direitos Civis e de sustentabilidade acabam por reproduzir “o problema” – mais pobres – e não a eliminá-lo. Em 2011, enquanto Deputado Federal, discutindo o Programa de Combate a AIDS, ele já afirmava: “O cara vem pedir dinheiro para mim para ajudar os aidéticos. A maioria é [doente] por compartilhamento de seringa ou homossexualismo. Não vou ajudar porra nenhuma! Vou ajudar o garoto que é decente”. Ou em plena campanha eleitoral sobre o sistema de cotas: “Isso não pode continuar existindo. Tudo é coitadismo. Coitado do negro, coitado da mulher, coitado do gay, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Vamos acabar com isso” – aqui, devemos destacar, não exatamente o debate sobre cotas raciais, sociais ou melhoria geral da escola básica – temas ausentes da agenda do então candidato – mas, o desprezo pelas condições de imensos grupos sociais do país. De qualquer forma, o “método” se repete: trata-se sempre de uma busca de “eliminar” o grupo em condição de risco e não de envolver a

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

condição de risco em políticas sociais de fortalecimento e de supressão da condição geradora de desigualdades, reconhecer a dívida social e sua superação. Tal “método exterminio” será retomado e ampliado em face da covid-19.



REPRODUÇÃO/A HISTÓRIA DO MOVIMENTO LGBT BRASILEIRO Protesto contra "Operação Limpeza" promovida pelo delegado José Wilson Richetti no centro de São Paulo, 13 de junho de 1980. Desde abril daquele ano, as polícias civil e militar vinham prendendo e espancando prostitutas, travestis e homossexuais no centro da cidade e em outras regiões da capital paulista. Grupos homossexuais, feministas e negros passaram a se mobilizar contra a ação da polícia.

Fonte: https://www.huffpostbrasil.com/2018/05/31/da-operacao-limpeza-a-cura-gay-os-40-anos-de-luta-do-movimento-lgbt-no-brasil_a_23448179/, 01/06/2018.

O Projeto bolso-fascista no Brasil centrou sua fala – a novilingua e suas fantasias repressivas em metáforas e imagens chulas dirigidas contra os homossexuais, inclusive promovendo a agressão física. Indo além da recomendação da “cura gay” – tratamento dito psicológico baseado em violenta auto repressão – o próprio Presidente Bolsonaro, e alguns ministros, como o da Educação e dos Direitos Humanos (sic!) recomendaram violência contra crianças e adolescentes como a “cura” e abstinência e pactos de auto repressão, sempre marcados por citações do Velho Testamento e forte mistura de preconceitos militaristas e fundamentalismo religioso.

O surgimento da pandemia de covid-19 acrescentou um elemento acentuador a todo esse universo de ódio e de discriminação. Desde logo o Presidente declarou que a pandemia não era uma questão séria ou que mereceria atenção ou preocupação por parte do governo – mesmo tendo o tempo necessário, oferecido pelos evento e seu combate na China, Itália e Espanha, para a preparação do país.. Chegando de viagem aos Estados Unidos, com boa parte da comitiva contaminada, o Presidente considerava, então, a doença uma “histeria”: “Não podemos entrar em uma neurose como se fosse o fim do mundo. Outros vírus mais perigosos aconteceram no passado e não tivemos essa crise toda. Com toda certeza há um interesse econômico nisso tudo para que se chegue a essa histeria...”^{XVI} Assim, a Presidência desenvolveu, entre março e junho de 2020, uma

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

linha de argumentação sobre o covid-19 que variou entre duas frequências, mostrando uma alternância – *Schwanken* – entre frequências., típicas “oscilações” inerentes à diversidades das diferenças no interior das diferentes “novilinguas” que se reveste o fenômeno do neofascismo:

1. A pura e simples negação da doença, classificada como uma “gripezinha” , manipulada pela imprensa através de uma “guerra psicológica”, como uma campanha contra a economia visando objetivos “não declarados” – nisso foi secundado várias e várias vezes pelo Ministro da Economia, que negou-se a contribuir para um plano de auxílio à população, só cedendo frente às iniciativas do Congresso Nacional^{XVII};
2. A identificação da pandemia – que passa, então, a existir – em consonância com o Governo Trump e em seguidas falas de Eduardo Bolsonaro, como o “Vírus Chinês”, uma arma da China para destruir o Ocidente, desencadeando uma série de manifestações de rua, no Rio, Brasília e São Paulo, contra a China e pela reabertura imediata das atividades econômicas, com forte impacto diplomático, gerando o “Caso Weintraub”^{XVIII}.

Na novilingua bolsonarista a pandemia não encontra uma estabilização – sofre a constante “oscilação”, “*Schwanken*” -, dando-se o fenômeno da flutuação do campo semiótico, explicitando a própria dificuldade e tensão existente no interior do Governo Bolsonaro: trocas sucessivas de Ministros da Saúde, tentativa de imposição de censura, mudanças de metodologia de estatísticas, ameaças de imposição da LSN e militarização da Saúde. O que garante, também, sua resistência. Ora, a pandemia inexistente; depois o número de “curados” ou de não contagiados é o fator principal, portanto *há* uma doença; uma lógica incompreensível, próxima de algo como; quantas pessoas não foram atropeladas hoje? Em seguida há um remédio panaceia universal; ou a pandemia é uma gripezinha; não afeta os fortes e viris, aqueles com experiência ou vivência atlética – o Presidente sempre faz flexões em público. O fenômeno da flutuação semiótica dá-se em função da constante crítica e da presença de contra narrativas - no caso, do discurso científico, médico, que guarda uma grande respeitabilidade pública e que encontra forte auditório, disputando ao Presidente seu próprio público. Assim, o bolsonarismo deve buscar um trilha paralelo, no qual “rouba” alguns elementos de credibilidade: a descontextualização da notícias oriundas da OMS, a falsificação das datas dos vídeos do médico Drauzio Varela e, acima de tudo, a fixação na cloroquina. Este é o fiapo de cientificidade que garante a novilingua algum contato com o contradiscurso científico. Trata-se de uma tentativa de captura de alguma cientificidade: “- eu tenho o remédio!”. O complemento ao descolamento da realidade – “não existe”/“não é grave”/“não precisa se preocupar”/ “quem é viril sobrevive”/ “temos remédios” - passa para a militarização de todo o aparelho de saúde do Estado e a aplicação de uma lógica de guerra: os números são segredo de Estado, não podem cair nas mãos do inimigo, ou seja, o público. As estatísticas da morbidade passam a ser negadas, para depois impedir a realização de somas, ou somas parciais ou somas por dia, gerando um fato inédito no mundo; a formação de um consórcio de empresas jornalísticas para contar autonomamente os mortos da covid-19.

De qualquer forma, a novilingua bolsonarista aplica à covid-19 o mesmo molde de padronização que vinha aplicando à caracterização da homossexualidade e da pobreza: a

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

divisão do mundo real em motivos eufóricos e motivos disfóricos, conforme a mentalidade do Capitão:

PANDEMIA E SEXUALIDADE NA NOVILINGUA	
POSITIVO	NEGATIVO
(“ <i>eufórico</i> ”)	(“ <i>disfórico</i> ”)
Viril	Fresco
Atlético	Fraco
Militar	Civil
Macho	Veado
Homem	“ <i>Fraquejada</i> ”
Cara Limpa	Máscara
Abraço	Distanciamento
Aperto de Mão	Toque de Cotovelo
Multidão	Fique em Casa

A novilingua do fascismo já se mostrava, então, em sua plenitude. Debochada, vil e ofensiva. Quando o repórter espanhol tentou argumentar e contrapor dados sobre a violência cotidiana no Brasil a resposta foi direta e ofensiva: “- você é gay?” Esse tipo de argumento se repetiria centenas de vezes, inclusive na Presidência da República – não argumente, ofenda! Esse é o código do próprio “guru” do presidente e de sua família, que ao longo da campanha presidencial, e na própria presidência, ministros e altos funcionários, popularizariam: a fixação no calão e na cartografia do baixo corporal como parte fundamental da novilingua. O buraco/furo/rosca/cu tornar-se-iam recursos obsessivos da fala apostrofada, assindéticas – aquela que se faz sem nenhuma coordenação, do tipo “É isso aí!” /”Tá ok?”/ ‘acabou!’/ “Já falei!/ Essa não! Muda a pergunta!” – são sempre condições paratáticas que se repetem. No lugar da fala, surge a falha. A ausência de conexão. É o “E daí?” A gripezinha. Não há compaixão. O que antes Adorno já havia definido como o toque mortal do estranhamento; a frieza, se expressa numa claro desejo de morte^{XIX}.

O exemplo do Presidente é copiado pela família presidencial e por seus altos funcionários, como ficou explícito no agora notório vídeo da reunião ministerial de 22 de abril de 2020. Os ministros e os altos funcionários do governo, seguindo o guru, expressando-se em baixo calão, expõe as espertezas e malabarismos jurídicos e artimanhas econômicas, em plena pandemia, para burlar a lei e destruir o arcabouço legal de proteção ao Trabalho e ao Meio Ambiente. O Outro, o diferente, por vezes o índio, o pobre, são alvos da fala constante, rancorosa e invejosa tal como os homossexuais, negros e mulheres do país.

Já em 2020, confrontado pelo escândalo familiar das “rachadinhas” irá sacar contra o jornalistas: “Você tem uma cara de homossexual terrível. Nem por isso eu te acuso de ser homossexual. Se bem que não é crime ser homossexual. Você fala ‘se’,

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

‘se’, ‘se’ o tempo todo^{XX}”. Ser homossexual é na novilingua, ao mesmo tempo, motivação para ofensa, para o silêncio, e, fundamentalmente, arma para enfrentamento político – mas, é ainda uma constante de curiosidade, do querer saber, do querer mostrar e do querer dizer. Há uma curiosidade doentia com o furo/rosca/buraco: “- Ela queria dar um furo a qualquer preço contra mim^{XXI}”, afirmaria ele sobre o trabalho de uma conhecida jornalista; ou, quando busca encerrar um debate incômodo com o jornalista Glenn Greenhalgh, de forma agressiva, com linguagem chula: “- você queima rosca?”^{XXII} Inveja de um gozo que não entende e, que por isso mesmo, busca extirpar^{XXIII}. Se não é crime, como por vezes o próprio Presidente sublinha, se resolve na “porrada”: “... o filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo?”^{XXIV}. Todas as vezes que sublinha “não é crime” trata-se de recurso teórico para não incorrer em crime de homofobia, que ele mesmo busca reverter.

Boa parte da campanha de ódio, de argumentos e temas repetidos no discurso do presidente apontando para a negação da pandemia de covid-19 são elaboradores no chamado “Gabinete do Ódio”, grupo de propagadores de *Fake News* instalado, de forma inédita na História, no próprio Palácio do Planalto, como parte da estrutura da Presidência da República^{XXV}. Contudo, permanece uma compulsão em face desse Outro que goza um gozo que Eu reprimo e não gozo e devo matar no Outro, exterminar e recalcar por ser, a mim, estranho. O Brasil é um país que mata homossexuais. E mata de modo cruel e torpe. – na porrada, como diz o Presidente – ou melhor, como ele incentiva e receita como a *cura*. Como indicava para presos políticos na época da ditadura, agora a tortura é cura universal para adolescente inseguros de sua própria sexualidade. Brilhante Ulstra nas aulas de orientação educacional.

Bolsonaro indica a tortura como panaceia universal. Torturou-se durante séculos pessoas escravizadas; depois, na República Velha (1889-1930) torturava-se dissidentes políticos; nas ditaduras torturava-se resistentes (1930-1945 e 1964-1985). Na Ditadura que Bolsonaro tanto defende havia técnicas especiais para os buracos/fendas/orifícios/dobras dos corpos de homens e mulheres. Instrumentos, ferramentas, insetos, ratos, cobras deveriam invadir os corpos imobilizados. Trata-se claramente de uma constante, uma forma institucionalizada de tratar o corpo do Outro pela invasão com próteses e animais numa *imitatio* pervertida do “Homem dos ratos”, narrado por Freud: um caso de retenção na fase anal. A mímica da arma, prótese extensiva de pênis que deve ser sempre maior e exibido – aquilo que falta e denuncia o pânico perante a possibilidade da emasculação – é a própria não realização da fase fálica, que deve ser *re-posta* como repetição, como poder sobre o Outro, como invasão indigna, pervertida, não desejada, não gozosa. – que anseia pela tortura. O gozo homossexual é desafio insuperável; explicita *no-Eu* a falta peniana fascista. É o pênis amputado – pesadelo publicamente exposto por Bolsonaro como escândalo nacional: “E deu um dado alarmante, quando se fala em higiene [afirma o Presidente em entrevista nacional]: no Brasil, ainda, nós temos por ano mil amputações de pênis por falta de água e sabão.”, declara escandalizado e pasmo – a mesma água e sabão que falta para lavar as mãos que salvariam milhares e milhares de brasileiros atingidos pela covid-19 e que não comovem o presidente. No entanto, Bolsonaro se “alarma” pela perda do “pênis” – de mil pênis que faltam e comovem o presidente -, não pela perda da vida dos brasileiros, perda que ele reforça e desafia com a prótese mímica da “arminha” – os pênis, tantos pênis!^{XXVI}

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

Assim, o fascista se obriga a destruir no homossexual a sua própria falta. O fascismo não é fálico. É anterior, é uma falha: trata-se de uma fixação primária peniana, inseguro e temeroso de sua própria castração, precisa da prótese da “arminha” e só consegue “provar” sua virilidade na realização do domínio do/no corpo do Outro na cerimônia da tortura. A ditadura não é nada, a tortura é tudo. A ditadura importa para os capitalistas, a tortura é o negócio dos fascistas.

A afirmação que para o fascista a tortura é distante, burocrática, um ofício banalizado, é um equívoco – a tortura é uma cerimônia propiciada pela ditadura, que é um meio. O “regime” é um fim para os capitalistas. Para o fascista a desconstrução do indivíduo, a cerimônia da “mostra”, desde a primeira nudez, as ameaças, a explicação de como será a tortura e, enfim, a sua aplicação, é realização do gozo. Marcamos aqui um ponto fundamental: as palavras têm peso e desempenham um papel no processo de fascistização. O socioleto fascista, a novilingua, exerce um papel fundamental para normalizar a violência e naturalizar o desumano, em especial o cotidiano da tortura e da violência. Nas palavras de Jean Améry: “... sua carne realiza-se totalmente na negação de si mesmo. [...] Somente na tortura, a encarnação [“*Verfleischlichung*”, tornar-se carne] do homem torna-se completa: uivando de dor, o torturado [...] é apenas corpo e nada além disso.”^{XXVII}

Podemos repetir, com Jean Améry^{XXVIII} que a tortura, para o fascista, “não era acidente, mas sua essência” - “- kein Akzidens war, sondern seine Essenz!” Para as ditaduras e o fascismo torturar é sua natureza mais essencial, é o elemento que gratifica em gozo os fascistas e que dá a eles a necessária noção de recuperação da potência perdida e a grandeza da “Nova Era”. Sem a tortura, já anunciada na *novilingua*, seja no socioleto do ódio seja na coreografia do corpo-arma, a sedução fascista seria muito menor.

No Brasil a cada 23 horas uma pessoa homossexual é assassinada: por arma branca; por estrangulamento; por espancamento; muito mais raro, por arma de fogo – o contato físico no assassinato do homossexual é parte fundamental do próprio assassinato do ser homossexual – por vezes, *ersatz* da própria cópula homossexual rejeitada pelo sádico. A maioria dentro de casa: da sua própria casa ou de familiares. O bouc émissaire deve ser morto para limpar a honra do Outro. Deter a desvalorização da casa, do nome, da honra, do bairro, da família, do gênero masculino... Não há conforto no lar – por vezes, o medo e a vergonha se instalam nas relações familiares. Uma pessoa gay jovem, adolescente, dificilmente tem condições mentais ou psicológicas de conforto junto aos pais contra o assédio continuado, de uma ofensa ou mesmo de um estupro homossexual: há um imenso risco de sua queixa se reverter em culpa. Em especial quando o perpetrador do ato de violência for um outro familiar, vizinho ou próximo, do qual o afastamento será muito pouco provável.

Não temos estatísticas reais ou confiáveis em razão do próprio preconceito^{XXIX}. Em 2019 foram 329 mortes por motivos diretamente ligados a condição sexual da vítima que puderam ser registradas. Embora acreditemos num número muito superior. O assédio moral – em casa, no trabalho, na escola, na vizinhança - é uma chaga constante, razão para um número avassalador de suicídios; um aumento de mais de 200% registrado em 2018^{XXX}.

O número de assassinatos, no entanto, sofreu uma diminuição de 27% em relação ao ano anterior, em boa parte devida à criminalização da homofobia via o STF.

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

No entanto, o Presidente Bolsonaro trabalhou, militou, intensamente contra a lei. Declarou que “...no [STF] se tivesse um ministro [terrivelmente] evangélico no Supremo, ele poderia pedir vista do processo e ‘sentar em cima dele’^{XXXI}” Para reverter a situação prometeu, ainda em 2020, a nomeação de um juiz “terrivelmente evangélico” para a Suprema Corte.

Mostra-se, ainda, claramente manipulador e incapaz de qualquer sentimento de compaixão: na mesma semana em que um adolescente havia se suicidado após ser surrado pelo pai por “apresentar trejeitos afeminados” – um pai que, afinal, seguiu o receituário de *cura* do próprio Presidente – declarou: “... ter filho gay é falta de porrada”^{XXXII}. Sem nenhum cuidado, sem citar nenhum trabalho científico, nem mesmo o já superado conceito da pretensa psicologia da “cura gay”, apenas reforçado preconceitos e de olho na seu eleitorado de extrema-direita, alimenta o ódio contra uma parcela da população. E o faz de forma consciente, mas acaba por atingir o inconsciente traumatizado de milhões de pessoas tocadas pelo sofrimento quando afirma: “- Eu comecei a assumir essa pauta conservadora. Essa imagem de homofóbico ficou lá fora [no eleitorado]”, disse, afirmando como se isso fosse um filão eleitoral. Não se contém mesmo em incentivar um comportamento de linchamento público: - “Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater”^{XXXIII}.

Quando perguntando sobre o impacto de tais políticas sobre a imagem externa do país, foi rápido: “... isso não prejudica investimentos ou o turismo... O Brasil não pode ser um país do mundo gay, de turismo gay. Temos famílias”. Para concluir que o bom turista é aquele que vem “pegar mulher”^{XXXIV}.

O argumento apresentado pelo bolso-fascismo é o mesmo que levou milhares de pessoas gays aos campos de trabalhos forçados e de extermínio da Alemanha e da Itália: a tese da “epidemia gay”, do contágio – basta um gay para “contaminar” dezenas de heteros bons^{XXXV}. Daí a necessidade urgente da segregação e, mesmo, do extermínio. Na mesma entrevista ao *El País*, Bolsonaro explicita a “tese” sobre as origens da homossexualidade: “a imensa maioria vem por comportamento. É amizade, é consumo de drogas. Apenas uma *minoría* nasce com defeito de fábrica. Aqui no Brasil se tem a ideia de que quem for homossexual vai ter sucesso na vida. As novelas sempre mostram os gays bem sucedidos, que trabalham pouco e ganham muito, têm carrões^{XXXVI}” Mostrando-se, e votando, contra a adoção por parte de casais homoafetivos inventados: “...90% desses meninos adotados [por um casal gay] vão ser homossexuais e vão ser garotos de programa com toda certeza”^{XXXVII} O sofrimento e a morte banalizada dos homossexuais – culpa dos próprios homossexuais por serem homossexuais, como iria declarar em 2013, é motivo de deboche: “Não existe homofobia no Brasil. A maioria dos que morrem, 90% dos homossexuais que morrem, morre em locais de consumo de drogas, em local de prostituição, ou executado pelo próprio parceiro”^{XXXVIII}

Numa confusão proposital entre homossexualidade e pedofilia, abre fogo contra a educação sexual, a teoria de gênero – transformada em “ideologia” de gênero -, e ataca a Escola, em especial a Escola Pública: “Quem pensa dessa maneira de respeitar [os Direitos Humanos] é quem quer levar essa matéria para as escolas para transformar crianças de seis anos em homossexuais. Ao ponto que daí facilita a pedofilia no Brasil^{XXXIX}”.

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

De acordo com a Secretaria Nacional de Direitos Humanos, a grande maioria das denúncias de homofobia recebidas pelo Disque 100 (em 2011 foram quase 7 mil) são de violências sofrida por gays dentro de casa, exatos 42%^{XL}. Esse sem dúvida é o mantra da Ministra da Cidadania e dos Direitos Humanos (!) do bolso-fascismo, cuja a maior contribuição ao Brasil será a invenção do “kit peniano” – mais uma vez a fixação do bolso-fascismo, a famosa mamadeira que assola os sonhos do neofascismo brasileiro, aquilo que falta, que é repostado sob a forma de prótese na mímica da “arminha”

Fonte: MS Notícias. Bolsonaro anda a cavalo entre apoiadores e viraliza, 01/06/2020. In: [https://www.msnoticias.com.br/editoriais/politica-mato-grosso-sul/bolsonaro-anda-a-cavalo-entre-](https://www.msnoticias.com.br/editoriais/politica-mato-grosso-sul/bolsonaro-anda-a-cavalo-entre-apoiadores-e-viraliza-rei-do-gado/98434/)



[apoiadores-e-viraliza-rei-do-gado/98434/](https://www.msnoticias.com.br/editoriais/politica-mato-grosso-sul/bolsonaro-anda-a-cavalo-entre-apoiadores-e-viraliza-rei-do-gado/98434/). Consultado em 11/07/2020. Bolsonaro em manifestação da Extrema-Direita desfila em cavalo da PM de Brasília – note-se que a Guarda de Segurança, ao contrário do Presidente, usa máscaras sanitárias, conforme obriga a legislação emergencial no D.F.

Estátua equestre de Pedro I, na Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, instalada em 1862. Fonte: <https://diariodorio.com/histria-da-esttua-de-dom-pedro-i-na-praa-tiradentes/>.



A novilingua biolsonarista tentou, sem nenhum sucesso, por vezes se apropriar de ícones, símbolos e imagens incorporando uma dimensão imagética ao seu pobre

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

vocabulário. Da mesma forma que os sintagmas no socioleto bolsonarista escorregam para o baixo calão e buscam metáforas e imagens na cartografia do baixo corporal, único espaço onde se encontra riqueza de recursos para desarmar os adversários, também na construção imagética, o socioleto biolsonarista mostrou-se incapaz de produzir a riqueza de seus congêneres históricos. Ao tentar colocar seu líder em um *décor* histórico heroicizante – no qual Mussolini era extremamente competente em fazê-lo, como na recuperação do imaginário do Império Romano – o bolsonarismo, malgrado seu passado militar, “fraquejou” em dar ao “Capitão” a mística de virilidade marcial que os heróis históricos deveriam ostentar. No episódio “equestre” do capitão”, a falta de familiaridade com o animal, a exposição de um corpo atingido pela idade, a tosse e as marcas das vicissitudes da política – e do ódio na política - , expressos nos movimentos vacilantes do corpo do Capitão, a ausência de construção do “espaço cênico”, a aglomeração atônita dos seguranças, tudo soma-se para dar a versão imagética do socioleto biolsonarista em farsa – quase um estilo propriamente brasileiro, a construção cenográfica da credibilidade da pornochanchada – que, sem dúvida, não era o buscado. Os demais elementos que compõem a versão imagética do socioleto biolsonarista – a insistente presença das bandeiras dos Estados Unidos e Israel junto da bandeira do Brasil – emitem, em verdade, mensagens contraditórias, por vezes, em atrito com próprio lema do Presidente [“Brasil acima de tudo...}], posto que a imprevisão, marca da utilização das bandeiras e de todo o uso imagético do bolsonarismo, precário e imprevisito, não garante nenhuma hierarquia simbólica.



Fonte

:

<https://jornalistaslivres.org/galeria-da-posse-bolsonaro-presidente/>. Foto de Lucas Martins. Consultado em 10/07/2020.

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

A construção de um imaginário povoado de fantasmas sexuais no bolsonarismo – como antes já havia ocorrido no Integralismo e assombrado pela perda dos “mil pênis”^{XLII} - tais como a mamadeira fállica, o *kit gay*, as aulas de homossexualidade e de “sexo sem limites” e outras formas de perversão - são diretamente elementos de universo infantil e perverso. Há muita angústia e mal-estar que permanece na vida adulta, numa sexualidade reprimida e sofrida. Assusta o corpo-mulher, a perda-diminuição-castração do pênis, a possibilidade do gozo do homossexual, o buraco do cu, a exploração da vagina, que é possuída mas não é conhecida. Tal processo, típico do imaginário infantil – a necessidade de construção de um explicação para as diferenças sexuais e os fenômenos sexuais em geral -, foi deslocado temporalmente da economia sexual infantil para a vida adulta, onde a realidade da cópula, da masturbação, do nascimento mas, acima de tudo, da diferença performática dos papéis culturais do feminino e masculino e sua intercambialidade, embora recalçados, continuam a causar mal-estar e dor psíquica. A oportunidade de horrorizar-se perante o “*kit gay*” funciona como uma “caixa” pandôrica que aberta traria todo um universo de coisas “nojentas”, “sujas”, “indecentes” prontas para contaminar as crianças arrancando-as de mundo limpo e dessexualizado. Tais adultos colocam sua própria infância imaginária num passado imaginado como assexuado e, ao mesmo tempo, se culpam inconscientemente pelo (auto)conhecimento do sexo sempre negado. São infâncias das quais não podem expulsar/recalcar a força da sexualização, obrigando-os, desta forma, a culpar as “caixas”/“kits gays” às quais foram expostos em seu tempo pelos “adultos”, os Outros. Processo condenado a uma repetição constante^{XLII}.

O que querem não é defender as crianças, em geral, de “kits gays” ou mamadeiras fállicas ou de gibis e quadrinhos onde super-heróis gays se beijam, mas, defender as crianças que moram neles. São crianças apavoradas e culpadas – refugiadas em goiabeadas simbólicas -, por terem vivido o gozo perverso e poliforme da sexualidade em suas próprias infâncias, que agora podem atribuir a alegorias de outros “*kits gays*” e mamadeiras fállicas, sujidades impostas por adultos cruéis. Tais alegorias tornam-se em realidades psicóticas, alternativas, que são vívidas como renegação, para além da repressão e do rebrote do sintoma.

A culpa e a dor decorre do saber o gozo precoce – não da gravidez. Toda a conversa de afastar as crianças e os adolescentes da gravidez – não há qualquer tipo de orientação, conversa, programa para os meninos, posto que não engravidam e, claro, não se pode falar em masturbação – é, em verdade, um programa de interdição da sexualidade. Trata-se de cancelar Freud. O programa do Ministério da Cidadania e dos Direitos Humanos, de Damaris Alves, intitulado “Tudo tem seu Tempo!”, de 2020, é, depois da publicação dos “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), de Sigmund Freud – onde o pensador afirmava, entre outros pontos, que o caminho para uma atitude sexual madura e normal começava não na puberdade, e sim na tenra infância^{XLIII}, é o maior retrocesso em políticas públicas de orientação sexual jamais visto.

Isso em um país em que tem uma taxa de 68,4 nascimentos para cada mil adolescentes (e jovens) mulheres entre 15 e 19 anos - um dos índices mais elevados do mundo. O que torna tudo, ainda, mais grave é a persistência de uma das “.. maiores taxas de mortalidade infantil entre mães mais jovens (até 19 anos), com 15,3 óbitos para

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

cada mil nascidos vivos (acima da taxa nacional, de 13,4 óbitos). Isso porque além da imaturidade biológica, condições socioeconômicas desfavoráveis influenciam nos resultados obstétricos^{XLIV}. Por esta razão, as fantasmagorias com “*kit gays*”, mamadeiras fálicas, abstinências, supressão de orientação sexual nas escolas e das aulas de biologia reprodutiva nos currículos transformam-se em ações extremamente perigosas para adolescentes e jovens no Brasil. Da mesma forma, a insistência do titular da Educação na repressão sexual, com a Ministra da Cidadania, e da ausência de um titular no Ministério da Saúde – em plena pandemia - convergem para o encontro de um genocídio estrutural na área da saúde com uma grande morte conjuntural causada pela ausência de uma política de enfrentamento da própria pandemia. Esse é um encontro previsto.

Na verdade, vemos indivíduos tocados pela frieza, conforme definida por Theodor Adorno, e incapazes de receber e de oferecer afeto, voltando-se para as crianças como alvo de “disciplinamento” e de “cura” - que muito faz lembra a análise do “Caso Schreber”. A “disciplina” expressa forte psicose repressora de impulsos homossexuais que obrigam pais a espelhar nos filhos a necessidade de controlar os corpos através de máquinas de postura e de conformação do bom físico – “mesmo que causem dor”, exatamente como afirma o Ministro da Educação^{XLV}. Surpreendentemente o novo ministro, pastor evangélico, indica exatamente isso: os métodos pedagógicos a serem utilizados devem ir além da conversa, do convencimento, da justa explicação e do diálogo com as crianças: os pais devem usar do rigor, da disciplina e do castigo físico ao ponto da criança “sentir dor!”. É da dor que advém a Cura!^{XLVI}” Ao afastar seus filhos do mal, do erro, da promiscuidade e, acima de tudo, da homossexualidade – a qual preferem a morte – são tocados pela frieza de tal forma que optam pela brutal “severidade”, “rigor”, “disciplina” – cujo exemplo vão buscar em passagens do Antigo Testamento lido de forma peremptória, incapaz de ser contextualizado histórica ou culturalmente. Dessa forma, tratam as crianças com o toque gélido do desamor. As ameaças fantasiosas de “sexualização precoce” revelam a eles mesmos o quanto foram crianças sexualizadas, perversas e masturbadoras, e o quanto não conseguem lidar com isso. Tais adultos viveram intensamente a angústia e a culpa perante sua própria sexualidade e agora castram a sexualidade do Outro como remissão da culpa. Castigar as crianças é um duplo prazer: é gozoso por infringir a dor aos corpos jovens e indefesos e é gozoso por ser um simulacro de pais em suas práticas torcionárias.

Trata-se de uma confusa síntese de militarismo, fundamentalismo religioso e repressão sexual enquanto pedagogia. A mímica da arma – segurança pessoal, substituto garante da castração e cajado do patriarca – une os diversos setores e grupos sociais do bolsonarismo no mesmo socioleto: fala e gesto. A “arma” do mito é a oferta de garantia de segurança ante o medo neurótico da castração punitiva pelo gozo perverso vivido em culpa. Antes de tudo, porém, deve-se garantir a eliminação – “extirpar”, “desratizar”, “desentocar”: uma sucessão de sintagmas verbais repetidos que remete ao universo do contágio, da pandemia e do vírus deslocado para o grupo político e social ao qual se atribui a carga de doença, infecção, gangrena do corpo sadio da Pátria. Esta é atingida através do descaminho das crianças e, principalmente, da sua sexualização precoce. Daí a necessidade de o corpo jovem ser castigado até sentir dor – da “porrada”, do “couro”, como ministração da “Cura”.

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

O homossexual é o novo flautista de Hamelin – aquele que “desencaminha” as crianças, na confusão intencional entre homossexualidade e pedofilia. o bolsonarista veste, então, a máscara de “o grande pedagogo”.

Embora os bolsonarista sejam os que mais usem, em seu socioleto, os recursos do baixo corporal, que perscrutam em detalhes a orografia corporal dos buracos/orifícios/furos/dobras/ - a fixação no “orifício rugoso infra-lombar para fazer sexo”^{XLVII} – ou mantenha na novilingua uma imensa coleção de baixo calão, nada disso ameaçaria “as crianças” ou a família. A cartografia corporal do socioleto biolsonarista ou é apenas insulto, desqualificadora do desejo, ou é um discurso normativo-repressivo sobre reprodução/gravidez. A pornografia e a escatologia enquanto ofensa e expressão de ódio são admitidas. O medo e horror do bolsonarista reside, no entanto, na possibilidade de cartografar o corpo como possibilidade aberta ao prazer. Assim, as campanhas de precaução da gravidez na adolescência bolsonarista não são preemptivas da gravidez, buscam na verdade interditar a sexualidade – alvo do programa da Ministra da Cidadania e dos Direitos Humanos, Damaris Alves, a mesma que difundiu a existência de um pretenso “kit gay” – material escolar sobre convivência com a diferença – e a masturbação de bebes na Holanda, bem como de uma pretensa “mamadeira peniana”^{XLVIII}. Como os fascistas dos anos de 1930 odiavam na Psicanálise freudiana a descoberta da sexualidade infantil, o bolsonarista se escandaliza e se revolta ante a mesma sexualidade dita “precoce” do adolescente, numa constante que une fascismo, integralismo e bolsonarismo.

Desde 2013, e muito especialmente, depois de 2016, museus, galerias de arte, exposições e ateliers foram invadidos, em todo o Brasil, por “patrulhas” de “cidadãos” em busca de “arte obscena” que incentivaria a pedofilia. Um verdadeiro frenesi de pedofilia, incentivado pelas redes sociais bolsonarista e por programas da televisão aberta, produziram denúncias de “corrupção de menores”^{XLIX}. Esse Outro, o inimigo conveniente, é por excelência o homossexual/pedófilo – confusão proposital – que quer “converter” o “garoto” sadio, decente, em “menina”. Daí a necessidade sublinhada em “separar”, “apontar”, “discriminar” e ter a liberdade de “bater”, “dar porrada”, “dar um coro” (sic) se presenciar quaisquer sinais de afeto público entre dois homens. A “Cura” reside no espancamento, na violência, na disciplina, como prega o pastor-Ministro da Educação do bolsonarismo. É notável a fixação na “Cura” : como uma epidemia os males identificados pelo socioleto biolsonarista devem ser passíveis de duas operações típicas do controle das pestes do século XIX: o extermínio ou a cura. Assim, deve-se buscar um “remédio”, uma química, a “cloro-química” básica que desinfete toda a sociedade, produzida em escala massiva – pelos militares – e ministrada a todos, em qualquer situação e, os agentes infecciosos devem ser exterminados, “desratizados”.

Mais uma vez, como no século XIX foi a descoberta da sexualidade das mulheres gerou uma “epidemia de histéricas”, a evidenciação, tardia, da sexualidade das crianças no Brasil, gera, pela inconformidade, uma “epidemia de pedofilia”, de denúncias de imoralidade. Os paladinos da família heteronormativa – os mesmos que urdiram o pesadelo e horror do “Caso Escola Base”, de 1994, em São Paulo – dominam nas redes sociais e nas instituições públicas, em especial nas Educação, “cruzadas” de patrulhamento da sexualidade^L. A normalização da união civil de homossexuais, e depois do “casamento gay”, ou seja, o matrimônio homoafetivo, abala a convicção da regra heteronormativa: como estabelecer a “cura” se a lei permite? E algo ainda mais

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

difícil de lidar: o sexo como prazer não reprodutivo no âmbito de uma instituição que deveria ser regradora da reprodutividade e autorizadora exclusiva da sexualidade.

Explicita-se de forma clara, como o prazer e a estabilização da condição homossexual - em especial após a aprovação a criminalização da homofobia - aprofundam os medos e mobilizam o sofrimento psíquico do reprimido em favor de ações fascistas. O Movimento “Escola Sem Partido” – em especial contra programas curriculares de Biologia e de orientação sexual -, a mobilização contra museus e galerias de arte ditas obscenas e pedófilas (como os fascistas diziam “Entartete Kunst”, Arte Degenerada), a perseguição aos professores, representam uma das faces da ação da guerra cultural bolsonarista. A denúncia do “kit gay” – com a afirmação até em nível ministerial que a homossexualidade “se ensina!” - é peça-chave no convencimento dos pais, na construção da insegurança, na legitimação do socioleto bolsonarista: “... o que está em jogo neste País é a esculhambação da família. É isso o que está em jogo. E são tão covardes que atacam logo as criancinhas, a partir dos 3, 4, 5 anos de idade”, dirá o próprio Bolsonaro^{LI}.

Quando emparedado pelo acúmulo das mortes – após tentar vender a macabra ideia de caixões vazios – buscará esvaziar a pandemia de seu caráter letal, para em seguida apresentar-se como descobridor da *cura*.

Antes a “*cura*” da pobreza era a extinção dos pobres. “*Cura*” dos índios, afirmando que já são quase humanos, era a extinção dos índios. “*Cura*” dos homossexuais era a “porrada” e o “couro”. Agora “*cura*” da covid-19 é a cloroquina^{LII}. Da mesma forma que não há quaisquer evidências científicas em favor de programas de austeridade econômica como fator de melhor distribuição de renda, ou que a exploração de terras indígenas melhore a vida dos índios e que homossexuais mortos voltem à vida como heterossexuais, o bolsonarismo insiste – e gasta imensos recursos nisso – na produção de cloroquina em plena pandemia. Ao mesmo tempo, desdenha e ofende quem usa máscara como veado e propõe um inexequível “isolamento vertical”. Agora Bolsonaro se veste com a máscara do “grande *curandeiro*”.

Em seguida, não conseguindo, perante a imensa pilha de mortos, negar a pandemia, Bolsonaro veste a máscara da própria pandemia: ele expropria a pandemia do Outro – mesmo o Outro-morto. Ninguém poderá mais falar da pandemia porque “Eu” sou a pandemia. “Eu” venci a pandemia:

PÓLOS DISCURSIVOS	
Pandemia	Bolsonaro
Feia	Forte
Fêmea	Másculo
Esquerda	Patriota
Isolamento	Cloroquina
Veado	Viril
Global	Nacional

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

Bolsonaro se ergue do seu passado – militar, atlético - com todos os atributos que possui para enfrentar o inimigo. Não se trata de “cortina de fumaça” contra outras ameaças. A novilingua bolsonarista é o próprio convencimento do fenômeno. Precisa de credibilidade, se constrói como o ouro dos tolos, mas para muitos reluz. Busca a eficácia, o convencimento. Da mesma forma que tratou homossexuais, pobres, mulheres e negros, voltar-se-á para a covid-19. Trata-se, como no caso de pobres e de homossexuais, de exterminar os doentes, e os possíveis doentes, o mais rápido possível. “Abrir tudo!”, fazer desaparecer, até que por força da natureza – “afinal, todos morrem!” – desapareçam na “imunidade de rebanho”.

Num exacerbado darwinismo social, nega-se qualquer auxílio do Estado – “Isso é com os Estados e Municípios!”, ou quando esse auxílio existe, ele deve ser dificultado, burocratizado, retardado, minimizado, formalmente em defesa da economia. Na verdade, revelaria um elemento chave dos fascismos: a natureza inarredável da luta pela sobrevivência, a lei da sobrevivência do mais forte. Contudo, ao final, se descobre no “auxílio emergencial” uma outra possibilidade; um Bolsonaro pronto para vestir a máscara de “salvador dos miseráveis!”

A partir da violência dispensada aos homossexuais – constituindo um paradigma - e estabelecendo um padrão: “os crimes de homofobia têm que ser tratados da mesma forma que qualquer outra morte [...] quantos heterossexuais morrem por dia? Morrem muitos mais que homossexuais” – sem assinalar, que homossexuais morrem exatamente por serem homossexuais - , é construído o paradigma para a morte por covid-19: “...Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia.” Para em seguida apresentar uma das suas mais significativas falas apostrofadas: “E daí?” Como fez no caso dos homossexuais, o Presidente e seu governo traçou, com informações altamente duvidosas e condenáveis, um grupo de risco – em vez de um comportamento ou uma situação de risco – e de forma tipicamente fascista incluiu nesse grupo de risco pessoas diversa. Os novos “judeus” da covid-19 seriam todos aqueles indesejáveis econômica e socialmente, aqueles que representavam um “peso” para economia do país, como os velhos, os aposentados, aqueles com doenças anteriores, os pobres, os desempregados, os moradores em periferias e em comunidades desatendidas. Esse era o significado maior do chamado “isolamento vertical” defendido pelo Presidente e sua equipe econômica. Ao perceber-se impossibilidade de separar no mesmo espaço familiar os “fortes”, os jovens e “aqueles de passado atlético” dos que compunham o “grupo de risco” desenhado pelo Ministério da Saúde, os elementos mais extremos do bolsonarismo chegaram a uma utopia médico-policia. Pretendia-se a criação de bolsões sanitários especiais para tal população. Instituições-totais do tipo de “bantustões” e campos de concentração, onde os designados como “grupos de risco”, nesse novo “Ensaio [Geral] Sobre a Cegueira” que seria convertido o Brasil, seriam internados^{LIII}. As atividades econômicas não seriam paralisadas e os novos doentes seriam, todos os dias, transportados por uma polícia sanitária especial, para interior das instalações sanitárias, onde receberiam o “Tratamento Final”. Os familiares, por razões de saúde pública, tal qual na Aktion Tiergarten 4/, a fatal T4 (o Extermínio de doentes físicos e mentais no Terceiro Reich, entre 1939/1945, que eliminou cerca 300 mil pessoas), não poderiam fazer visitas ou enterrar os mortos, só sendo notificados dos falecimentos meses após os corredos^{LIV}.

Esse seria o “novo normal”.

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

As estatísticas de mortos passaram a não ser divulgadas para não causar “histeria” e “derrotismo” – com a plena adoção pelo socioleto bolsonarista do jargão militar. A final, morre-se muito no Brasil por outras doenças, por violência, por desencanto. O Presidente, neste ponto, está certo. O Brasil é, de fato, um país de mortos invisíveis para o fascismo que avança.

Notas:

^I Francisco Carlos Teixeira Da Silva, Rio de Janeiro, 1954, Professor Titular de História Moderna e Contemporânea/UFRJ/ Professor Titular do CPDA/UFRJ, Prêmio Jabuti 2014.

^{II} BUTLER, Judith. “De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público?”, 10/07/2020. In: EL PAÍS, <https://brasil.elpais.com/babelia/2020-07-10/judith-butler-de-quem-sao-as-vidas-consideradas-choraveis-em-nosso-mundo-publico.html>. Consultado em 11/07/2020.

^{III} FOLHA DE SÃO PAULO. “Máscara é coisa de veado” afirma o Presidente Bolsonaro. In: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/mascara-e-coisa-de-v-dizia-bolsonaro-na-frente-de-visitas.shtml> 08/07/2020. Consultado em 08/07/2020.

^{IV} CATRACA LIVRE. Como reagiria Bolsonaro se tivesse um filho gay? 17/04/2020. In: <https://catracalivre.com.br/cidadania/jair-bolsonaro-como-ele-reagiria-se-tivesse-um-filho-gay/>. Consultado em 09/07/2020.

^V CARTA CAPITAL. Bolsonaro comete homofobia ao se referir a Jean Willys, diz advogado, 20/06/2019. In: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-comete-homofobia-ao-se-referir-a-jean-wyllys-diz-advogado/>. Consultado em 09/07/2020.

^{VI} Idem, Op.Cit.

^{VII} Idem, Op.Cit.

^{VIII} A Alemanha possuía em 1933 uma pequena população de Negros e mestiços decorrentes da Ocupação de soldados coloniais franceses da Primeira Guerra Mundial, os chamados “Rheinlandbastard” e a Itália possuía uma vasta população de negros vinda das suas colônias da África. Ver: POMMERIN, Reiner. Sterilisierung der Rheinlandbasterde. Das Schicksal einer farbigen deutschen Minderheit 1918–1937, Dusseldorf, Droste Editora, 1979.

^{IX} O GLOBO. Negros são alvo de metade dos registros de violência contra população LGBT no Brasil, diz pesquisa, 15/07/2020. In: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/07/15/negros-sao-alvo-de-metade-dos-registros-de-violencia-contr-a-populacao-lgbt-no-brasil-diz-pesquisa.ghtml>. Consultado em 15/07/2020.

^X RAMOS, Vinicius Silva. Formas distintas para públicos distintos: o discurso integralista de acordo com seu público-alvo. Tese de Doutorado. São Gonçalo, UERJ, 2020, p. 110.

^{XI} Caldeira, Odilon. O Neointegralismo e a questão da organização partidária. Boletim Tempo Presente (UFRJ), v. 18, p. 01-10, 2011

^{XII} GAY, Peter. O Cultivo do Ódio. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

^{XIII} KERSHAW, Ian. Hitler. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

^{XIV} El País. “Os gays não são semideuses. A maioria é fruto do consumo de drogas”, 14/02/2014. In: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/14/politica/1392402426_093148.html. Consultado em 12/06/2020.

^{XV} Idem. Op. Cit.

^{XVI} UOL. Todos vão morrer um dia... 15/01/2020. In: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/01/todos-nos-vamos-morrer-um-dia-as-frases-de-bolsonaro-durante-a-pandemia.htm>. Consultado em 08/07/2020.

^{XVII} ESTADÃO. Dinheiro não cai do céu.... 31/03/2020. In: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,ha-toda-uma-logistica-o-dinheiro-nao-cai-do-ceu-diz-guedes-sobre-liberacao-do-auxilio,70003255427>. Consultado em 09/07/2020.

^{XVIII} EXAME. Weintraub ironiza China e embaixada diz que ministro foi racista, 06/04/2020. In: <https://exame.com/brasil/weintraub-ironiza-china-e-embaixada-diz-que-ministro-foi-racista/>. Consultado em 09/07/2020.

^{XIX} ADORNO, Theodor. In: A Educação após de Auschwitz. Org. COHN. G. São Paulo, Ática, 1986.

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

^{XX} CATRACA LIVRE. Bolsonaro ataca homossexuais novamente para mascarar caso de Flávio, 20/12/2019. In: <https://catracalivre.com.br/cidadania/bolsonaro-ataca-homossexuais-novamente-para-mascarar-caso-de-flavio/>. Consultado em 12/06/2020.

^{XXI} CORREIO BRAZILIENSE. Bolsonaro, sobre repórter da Folha: 'Ela queria dar um furo'; jornal reage, 18/02/2020. In: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/>. Consultado em 09/07/2020.

^{XXII} UOL. 'Você queima a rosca?', 04/09/2017. In: <https://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br/2017/09/04/voce-queima-a-rosca-diz-bolsonaro-a-jornalista/>. Consultado em 09/07/2020.

^{XXIII} Teixeira da Silva, Francisco Carlos. 2019. "Corpo E Negacionismo: A Novilingua Do Fascismo Na Nova República, Brasil 2013/2019". Locus: Revista De História 25 (2). <https://doi.org/10.34019/2594-8296.2019.v25.28162>.

^{XXIV} CARTA CAPITAL. Frases de Jair Bolsonaro. <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Consultado em 09/07/2020.

^{XXV} UOL/TILT. Quem é Tercio Arnaud Tomaz, elo mais forte entre Bolsonaro e a rede de páginas derrubadas pelo Facebook sob acusação de espalharem notícias falsas, 09/07/2020. In: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/bbc/2020/07/09/quem-e-tercio-arnaud-tomaz-elo-mais-forte-entre-bolsonaro-e-a-rede-de-paginas-derrubadas-pelo-facebook-sob-acusacao-de-espalharem-noticias-falsas.html>. Consultado em 09/07/2020.

^{XXVI} FOLHA DE SÃO PAULO. Bolsonaro manifesta preocupação sobre amputações de pênis, 25/04/2019. In: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/04/bolsonaro-manifesta-preocupacao-sobre-amputacoes-de-penis.shtml>. Consultado em 12/06/2020.

^{XXVII} Améry, Jean. Jenseits von Schuld und Sühne. Bewältigungsversuche eines Überwältigten. In: SCHEIT, Gerhard (org.). Werke Band 2. Jenseits von Schuld und Sühne. Unmeisterliche Wanderjahre. Örtlichkeiten. Stuttgart: Klett-Cotta, 2002, pp. 7-177, p. 74.

^{XXVIII} Jean Améry (1912-1978), aliás Hans Chaim Myer, escritor e filósofo de judeu-austriaco, foi prisioneiro em Auschwitz-Monowitz e Bergen-Belsen, escreveu inúmeras obras sobre a experiência de concentração e o extermínio.

^{XXIX} G1. Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas, aponta entidade LGBT, Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas, aponta entidade LGBT, 17/05/2019, consultado em 12/06/2020.

^{XXX} DIÁRIO DO NORDESTE. Suicídio entre público LGBT aumenta quase quatro vezes em dois anos..04/02/2019. In: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/suicidio-entre-publico-lgbt-aumenta-quase-quatro-vezes-em-dois-anos-1.2058979>. Consultado em 06/06/2020.

^{XXXI} EXAME. Bolsonaro diz que decisão de homofobia é errada e pode prejudicar gays, 14/06/2019. In: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-diz-que-decisao-da-homofobia-e-errada-e-pode-prejudicar-gays/>. Consultado em 12/06/2020.

^{XXXII} PORTAL GEELEDÉS. "Ter filho gay é falta de porrada", diz Bolsonaro, 07/03/2014. In: <https://www.geledes.org.br/ter-filho-gay-e-falta-de-porrada-diz-bolsonaro/>. Consultado em 12/06/2020.

^{XXXIII} ESTADO DE MINAS GERAIS. Veja 10 frases polêmicas de Bolsonaro que o deputado considerou 'brincadeira', 14/04/2020. In:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml. Consultado em 09/07/2020.

^{XXXIV} El País. Op. Cit.

^{XXXV} SIGMUND, Ana Maria. Das Geschlechtsleben bestimmen Wir: Sexualität im Dritten Reich. Munique, Heyne Editora, 2009.

^{XXXVI} El País. Op. Cit.

^{XXXVII} CARTA MAIOR. Op. Cit.

^{XXXVIII} CARTA MAIOR, Op. Cit.

^{XXXIX} El País. Op. Cit.

^{XL} EL PAÍS. Op. Cit

^{XLII} Freud, Sigmund. A Organização Genital Infantil (1923). Rio de Janeiro, Imago, 1972.

^{XLIII} FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1901-1905). In: Obras completas, volume 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

MÁSCARA, MÁSCARAS: PANDEMIA E HOMOSSEXUALIDADE NA NOVILINGUA DO BOLSONARISMO

FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA DA SILVA

-
- ^{XLIV} DW "Tudo tem seu tempo": a campanha de Damares contra gravidez precoce, 04/02/2020. In: <https://www.dw.com/pt-br/tudo-tem-seu-tempo-a-campanha-de-damares-contr-gravidez-precoce/a-52252813>. Consultado em 2020.
- ^{XLV} Ver SANTNER, Eric. A Alemanha de Schreber. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.
- ^{XLVI} ESTADO DE MINAS GERAIS. Ministro da Educação defende que pais devem causar dor a filhos e que o 'homem aponta o caminho' da família, 10/07/2020. In: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/07/10/interna_politica,1165937/ministro-da-educacao-pais-devem-causar-dor-filhos-homem-caminho.shtml. Consultado em 10/07/2020.
- ^{XLVII} ESTADO DE MINAS GERAIS. Presidente da Embratur: "Nada contra quem usa seu orifício rugoso infra-lombar para fazer sexo", 25/06/2020. In: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/06/25/interna_politica,1159780/presidente-da-embratur-nada-contra-quem-usa-orificio-rugoso-sexo.shtml. Consultado em 10/07/2020.
- ^{XLVIII} BBC News. Contra gravidez na adolescência, Damaris busca inspiração nos EUA para estimular jovens a não fazer sexo, 06/12/2020. In: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50682336>. Consultado em 10/07/2020.
- ^{XLIX} CARTA CAPITAL. O Assalto dos Modernos Fariseus, 20/06/2020. In: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/o-assalto-dos-201cmodernos-fariseus201d/>. Consultado em 10/07/2020.
- ^L Ver Ribeiro, Alex.. Caso escola base: os abusos da imprensa. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- ^{LI} EXAME. A Gênese da Inimizada...21/04/2016. In: <https://exame.com/brasil/esta-e-a-genese-da-inimizade-entre-bolsonaro-e-jean-willys/>. Consultado em 10/07/2020.
- ^{LII} UOL. Uso de 'kit Covid', sem eficácia comprovada, gera confronto entre médicos, 10/07/2020. In: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/07/uso-de-kit-covid-sem-eficacia-comprovada-gera-confronto-entre-medicos.shtml>. Consultado em 10/07/2020.
- ^{LIII} FOLHA DE SÃO PAULO. Guinada de Bolsonaro em pandemia se deu por medo de perder empresários e redes sociais, 29/03/2020. In: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/guinada-de-bolsonaro-em-pandemia-se-deu-por-medo-de-perder-empresarios-e-redes-sociais.shtml>. Consultado em 10/07/2020.
- ^{LIV} VEJA. O que é isolamento vertical (e por que essa não é uma boa ideia)?, 24/04/2020. In: <https://saude.abril.com.br/medicina/o-que-e-isolamento-vertical/>. Consultado em 10/07/2020. Em artigo publicado pela ABRACO o médico epidemiologista Naomar de Almeida Filho faz uma "arqueologia" do uso do conceito de "Isolamento Vertical", Ver ALMEIDA FILHO, Naomar. O isolamento vertical defendido por Bolsonaro é uma fraude pseudocientífica – Artigo de Naomar de Almeida Filho. In: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/opiniaio/o-isolamento-vertical-defendido-por-bolsonaro-e-uma-fraude-pseudocientifica-artigo-de-naomar-de-almeida-filho/48549/>. Consultado em 10/07/2020.